

A História da Arquitetura como prática dialógica entre os saberes historiográficos

JOÃO HENRIQUE DOS SANTOS¹

RESUMO

A História da Arquitetura vem sendo usualmente tratada pela Historiografia como parte da História da Arte. Contudo, dispõe de uma natureza que a torna específica pela ligação que constrói entre as diferentes possibilidades de abordagens historiográficas, devendo, desta forma, não ser absorvida como campo subordinado à História da Arte, mas sim constituindo um campo próprio.

Será apresentada a História da Arquitetura em sua polifonia constituinte, que a torna ponto de convergência entre as diferentes práticas historiográficas, podendo fazer a ponte dialógica entre a História Cultural, a História Social, a História Econômica, a História da Ciência e Tecnologia e, mesmo, a História Política.

INTRODUÇÃO

É bastante difícil precisar quando a História da Arquitetura formou um objeto de conhecimento específico dentro dos registros históricos ou da crônica histórica. Políbio e Heródoto deixaram preciosos relatos sobre a Grécia Antiga e, ainda que seu foco não tenham sido as edificações, tem-se um retrato do apogeu e da decadência arquitetônica grega pela leitura desses cronistas. O “século de Péricles”, o séc. V a.C. – que, do ponto de vista arquitetônico e escultórico, poderia ser chamado de “o século de Fídias” – é apreendido do texto desses autores.

O primeiro registro sistematizado que nos chega, através do Renascimento, é o de Marco Vitruvius Polião que, em seus “Dez Livros sobre a Arquitetura”, dedicados a Cesar Augusto, revela muito das técnicas construtivas do século I d.C. e revela o papel da Arquitetura e do arquiteto na sociedade romana. É de Vitruvius que recebemos os balizadores da Arquitetura, para que a obra arquitetônica seja tida como tal: Firmeza, Utilidade, Beleza (*Firmitas, Utilitas, Venustas*).

¹ Doutor. Professor do Departamento de História e Teoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ).

É do interesse dos renascentistas por Vitruvius que este emerge não apenas como arquiteto, mas também como teórico e historiador da Arquitetura. De certa forma, foi o inspirador para que Andrea Palladio escrevesse seus “Quatro Livros sobre a Arquitetura”, um dos marcos da teoria e da história da Arquitetura.

O Barroco, com sua proposta totalizante e sua expressividade máxima nas artes plásticas, sobretudo na teatralidade arquitetônica, gerou a origem da sistematização das plantas e maquetes, a reprodução dos jogos de escalas e perspectiva, de modo que a ideia do arquiteto pudesse ser reproduzida e edificada pelos artífices construtores.

O nascimento da História e da Historiografia como domínios do saber científico, no século XIX, vinculou a História da Arquitetura à História das Artes, constituindo-se em uma espécie de subdisciplina desta. O alvorecer do século XX trouxe o interesse específico em tornar a História da Arquitetura em um campo específico do saber historiográfico, sendo os estudos pioneiros conduzidos por arquitetos e não por historiadores.

Esta é uma tendência mantida até hoje, com a maioria dos trabalhos desenvolvida por arquitetos, sendo o trabalho de Giulio Carlo Argan uma exceção a essa tendência. Os historiadores até a contemporaneidade não têm dado a devida importância à História da Arquitetura e ao fato de que esta se presta a leituras multi, trans e interdisciplinares não apenas dentro da historiografia mas também no diálogo da História com outras disciplinas, como a filosofia, a teologia e a sociologia, por exemplo. O foco maior da Historiografia neste sentido tem sido a história da(s) cidade(s), sendo de maior relevância os trabalhos de Lewis Mumford e Fustel de Coulanges, este remontando ao século XIX e focado especialmente na cidade antiga.

Neste sentido, existe uma grave deficiência na formação dos historiadores no tocante à História da Arte, visto na maioria dos currículos essa disciplina ser oferecida – quando o é – na condição de matéria optativa, eletiva ou não-obrigatória. Falta, muitas vezes, ao historiador a percepção de que os monumentos arquitetônicos são, por vezes, documentos mais eloquentes do que os documentos impressos ou manuscritos aos quais estamos familiarizados no nosso mister historiográfico.

Por outro lado, a formação dos arquitetos tem privilegiado o utilitarismo e o que se poderia chamar de “projetismo” como epítome da formação do estudante de arquitetura: sobre o projeto de arquitetura, sobre o produto final do trabalho do arquiteto concentram-se os esforços e, muitas vezes, a História da Arquitetura é ministrada como a história das edificações, por vezes desvinculada de uma contextualização histórica e das dinâmicas social, política e econômica, que regulam a vida do homem e sociedade.

É necessário irmos além dos arquitetos e historiadores da Arquitetura para melhor compreendermos a evolução dos conceitos e técnicas arquitetônicos. Como, por exemplo, entender o Barroco e sua vocação totalizante sem nos atermos à leitura dos pensadores que, como Rosário Villari e José Antonio Maravall, dedicaram-se a estudar o homem e a civilização barrocas? Da mesma forma, se buscarmos entender a arquitetura românica ou gótica, não podemos prescindir dos clássicos da filosofia, da teologia e da história, lembrando que, nesse recorte histórico, os grandes formuladores e artífices dos projetos não eram os arquitetos, mas sim os papas e bispos, reis e nobres. É dos escritos de Santo Agostinho ou de São Tomás de Aquino que iremos extrair a cosmovisão de uma sociedade e de uma época.

Existem autores que são de leitura obrigatória na História da Arquitetura, como, por exemplo, Banister Fletcher, Auguste Choisy, Christian Norberg-Schulz, Giulio Carlo Argan, Leonardo Benévolo e Sigfried Giedeon, dentre outros. Em comum, esses historiadores da Arquitetura têm o fato de não serem historiadores, mas sim arquitetos, à exceção de Giedeon.

A riqueza da História da Arquitetura é exatamente poder estabelecer um campo dialógico entre os diversos saberes historiográficos, integrando as concepções da Arquitetura aos conceitos da Arte e da Estética (esta, percebida dentro da perspectiva hegeliana) e, igualmente, da Política, da Sociologia, da Teologia e da Economia.

Neste sentido, a História da Arquitetura constitui-se em campo específico da Historiografia, que ao agregar e integrar os saberes dos outros domínios historiográficos, permite o enriquecimento da visão dos acadêmicos que se dediquem ao assunto: arquitetos, historiadores, filósofos e sociólogos.

Visto não se poder dissociar a História da Arquitetura da História do Urbanismo e não se conseguir desvincular a formação das cidades e sua história das dinâmicas políticas, econômicas e sociais que as engendraram, a História da Arquitetura passa a poder ser enriquecida com o aprofundamento das reflexões que envolvem o processo de análise das cidades e de sua formação e desenvolvimento.

Se algumas vertentes historiográficas se prestam mais adequadamente ao estudo da História da Arquitetura, como a História Cultural, a História Econômica ou a História das Mentalidades, por exemplo; outras, como a microhistória, podem revelar abordagens criativas e nuances peculiares que envolvem a História da Arquitetura.

Portanto, dentro da perspectiva de Pierre Bourdieu sobre a teoria dos campos, postulo que a História da Arquitetura não seja tomada como propriedade exclusiva de arquitetos ou de historiadores, pois ambos têm a contribuir, aportando caminhos e conhecimentos novos, novas propostas epistemológicas e hermenêuticas para integrar saberes e fazeres. Este caminho apontado poderá fazer emergir visadas originais e criativas, sempre cada vez mais ricas e enriquecedoras na abordagem da História da Arquitetura.

Desta forma, o ora proposto é a consolidação da autonomização da História da Arquitetura, passada a ser tratada como disciplina com hermenêutica e epistemologia próprias, não mais subsidiária da História da Arte.

Peço desculpas àqueles que esperavam uma apresentação nos moldes mais canônicos de uma apresentação de comunicação, mas rendi-me ao modelo francês de fazer um manifesto em defesa daquilo que acredito.

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. S. Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo e FAGIOLO, Maurizio. *Guia de História da Arte*. Lisboa: Estampa, 1992.

BAUMGART, Fritz. *Breve História da Arte*. S. Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. S. Paulo: Perspectiva, 1983.

BREITLING, Stefan *et al.*. *História da Arquitetura: da antiguidade aos nossos dias*. Colônia: Könemann, 2001.

CHOISY, Auguste. *Histoire de l'Architecture*. Paris: Vincent, 1954.

- COLE, Emily. *A Gramática da Arquitectura*. Lisboa: Livros e Livros, 2003.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. S. Paulo: Martins Fontes/Ed. UnB, 1981.
- D'ALFONSO, Ernesto e SAMSA, Danilo. *Guia de História da Arquitectura: estilos arquitectónicos*. Lisboa: Presença, 2006.
- FAZIO, Michael; MOFFETT, Marian e WODEHOUSE, Lawrence. *A História da Arquitectura Mundial*. Porto Alegre: AMGH, 2011.
- FLETCHER, Banister. *A History of Architecture on the comparative method*. Londres: Batsford, 1954.
- GIEDEON, Sigfried. *Espaço, tempo e arquitetura*. S. Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GOMBRICH, E. H.. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1996.
- HAUSER, Arnold. *História social da Arte e da Literatura*. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. S. Paulo: Martins Fontes/Ed. UnB, 1982.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Arquitectura occidental*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- PEREIRA, José Ramón Alonso. *Introdução à História da Arquitectura: das origens ao século XXI*. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- RYKWERT, Joseph. *A ideia de cidade*. S. Paulo: Perspectiva, 2006.
- SALVADORI, Mario. *Por que os edifícios ficam de pé*. S. Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. S. Paulo: Edusp, 2009.
- VITRÚVIO. *Tratado de Arquitectura*. S. Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a Arquitectura*. S. Paulo: Martins Fontes, 2009.